

“TWENTY-ONE LOVE POEMS”: A (HOMO)SEXUALIDADE FEMININA EM ADRIENNE RICH

ARIANE AVILA NETO DE FARIAS¹; DANIELE GALLINDO GONÇALVES SILVA²;

¹Universidade Federal de Pelotas – arianeaneto@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – danigallindo@yahoo.de

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado de estudos desenvolvidos para escrita da dissertação de mestrado. Desta maneira, busca-se, a partir da coletânea de poemas, “Twenty-one love poems”, da poeta e ativista feminista Adrienne Rich, refletir acerca da constituição múltipla dos sujeitos femininos e de sua sexualidade.

Distante de um feminino confinada a um espaço privado e destinado ao silêncio, o eu-lírico de Rich mostra-se uma figura feminina disposta a questionar os domínios masculinos, entendendo que a fragilidade, característica marcadamente feminina, é imposta por um discurso de dominação dos homens, figuras viris e poderosas, donos do espaço público.

Confirmando o que fora defendido pela teórica Arleen Dallery de que é possível afirmar que “a sexualidade da mulher passa por um estágio onde a experiência da heterossexualidade é excedida, percebendo-se que a sexualidade feminina não mais como única, mas plural” (1997, p. 90), o eu-lírico da poeta estadunidense, em seus versos, vai assumir o amor entre mulheres como uma poderosa forma de luta contra a opressão da heteronormatividade. Desta maneira, a poesia de Rich vai ao encontro de uma nova escrita do corpo feminino longe daquela criada por uma cultura masculina. Através de suas rimas, demonstra que com a derrubada da heterossexualidade compulsória inaugura-se um verdadeiro humanismo da “pessoa”, livre dos grilhões da sexualidade, podendo esse ser entendido por diversos novos caminhos. Um caminho no qual a experiência lésbica ocupa um espaço de empoderamento e o sujeito feminino distancia-se da dependência ao masculino, antes propagada como essencial a sua sobrevivência.

2. METODOLOGIA

Partindo de textos que tratam sobre estudos de gênero, sexualidade e poder, buscamos analisar o eu-lírico dos poemas de Rich de uma perspectiva que não aquela atrelada ao discurso da heteronormatividade. Ao olharmos para textos de Teresa de Lauretis e Michel Foucault assumiremos que, em se tratando do sujeito feminino das poesias de Rich, o conceito de sujeito excêntrico pensado por Lauretis, em seu texto “Eccentric subjects: feminist theory and historical consciousness” (1990), parece ser a categoria para “nomeá-lo”. Assim, concordamos com a autora, de que tal sujeito não pode ser reduzido à noção de desviante de um trajeto normativo, convencional. Ele é o que está centrado em uma instituição que suporta e produz o pensamento heteronormativo.

Outra teórica importante para a escrita do presente trabalho é a da própria poeta, Adrienne Rich. Para o entendimento do espaço a que pertence o eu-lírico da poeta, é importante que compreendamos certos conceitos trazidos por esta:

tais como a ideia de lésbica como terceiro gênero, existência lésbica e influência da união entre mulheres no movimentos feministas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em uma cultura patriarcal ocidental, a sexualidade feminina foi, por longo tempo, oprimida sendo regulada pelo poder masculino. Sem o poder, a mulher não podia decidir seu próprio caminho, vivendo de acordo com os padrões masculinos. Em tal estrutura social, sua sexualidade era do masculino que a usava sem a menor cerimônia. O seu espaço era o privado e a maternidade, o matrimônio eram os destinos das mulheres. Ao pertencer ao homem, a figura feminina é apenas o que o masculino decide que ela seja (BEAUVOIR, 2009, p. 16). Resumida a uma diferença biológica, a elas foi dado o direito ao voto tardio, direito à participação na política tardiamente e o não questionamento de seu *status* de “não-sujeito”. A doutrinação do corpo feminino é ainda maior quando se vê a figura feminina como destrutiva e impura. O poder masculino faz desta sua maior porta voz.

A dominação do feminino se dá basicamente pelos seguintes fatores: sua função reprodutiva (é ela que dá seguimento a linhagem masculina) e sua sexualidade. Assim, o poder masculino exercido sobre a mulher é baseado no medo e no mistério em que tais fatores estão envolvidos, afinal de contas, a história nos mostra que ambos já foram fontes de força e poder das mulheres. As capacidades atribuídas ao feminino são relegadas a relações místicas e estéticas, excluindo-as ainda mais do campo da política e prática social – no sistema patriarcal há uma impossibilidade de convergência entre tais campos.

A mulher parecer ser aquele “soldado fabricado”, moldado pela figura masculina, se pensarmos na ideia de disciplina dos corpos, defendida por Foucault em *Vigiar e punir* (2014). Desta perspectiva, podemos afirmar que a figura feminina apresenta um corpo que obedece, disciplinado por um “controle minucioso [...], que realizam a sujeição constante de sua força e lhe determinam uma relação de docilidade” (2014, p. 134).

Entretanto, é com o nascimento de movimento de mulheres que tais concepções são postas em crescente discussão. No feminismo do início do anos 1960, vemos as noções que perpassam os mecanismos de poder postas em xeque. Enfim, tais movimentos parecem surgir em um momento de importantes questionamentos.

Passa-se a uma revisão do mito da “verdadeira mulher”, a partir de uma concepção de sujeito que tem sua subjetividade construída por suas diferentes experiências. Para tanto, ao pensarmos em um sujeito feminino dotado de diferentes facetas, não podemos mais atrelar a concepção de gênero a ideia de diferença biológica. Entendemos aqui, assim como defendido por Joan Scott, que todas as formas de construção social, cultural e linguística implicadas a processos que diferenciam homens e mulheres, incluindo os processos responsáveis pela produção de seus corpos, são importantes na construção da subjetividade dos indivíduos.

A desconstrução de uma noção binária e biológica de gênero é significativa mesmo para a compreensão da diversidade dos sujeitos femininos. Devemos pensar que a vivência dos gêneros e das sexualidades se dá de diversas maneiras. Lauretis, ao explicar sua tecnologia de gênero, afirma que:

[...] a constelação ou configuração de efeitos de significados que denomino experiência se altera e é continuamente reformada, para cada

sujeito, através de seu contínuo engajamento na realidade social, uma realidade que inclui – e, para mulheres, de forma capital – as relações sociais de gênero. [...] a subjetividade e a experiência femininas residem necessariamente numa relação específica com a sexualidade (LAURETIS, 1994, p. 228)

Entramos em uma discussão na qual os gêneros são entendidos como produzidos por uma tecnologia formadora de discursos que se apoiam em instituições como a família, a escola, aí sendo criadas as categorias homem e mulher para todas as pessoas. Como salientado pela autora, o gênero é produto de diversas tecnologias sexuais, uma produção que vem de práticas e discursos de autoridades. Ou seja, somos todos interpelados pelo gênero, lembrando que a interpelação, como explicitado por Lauretis, é “o processo pelo qual uma representação social é aceita e absorvida por uma pessoa como sua própria representação, e assim se torna real para ela, embora seja de fato imaginária” (LAURETIS, 1994, p. 220).

Ao se pensar em um sujeito de sexualidade desviante é interessante pensarmos na nomenclatura trazida por Teresa de Lauretis, a de sujeito excêntrico. Para Lauretis, tal sujeito não é mais aquele indivíduo marcado por “noções estáveis de identidade e de si mesmo” (LAURETIS, 1990, p. 136, tradução nossa), sua subjetividade foge de uma origem baseada em exclusão. O excêntrico é onde a “identidade é locus de múltiplas e variáveis posições, as quais surgem a partir de um campo de processos históricos [...]” (LAURETIS, 1990, p. 137, tradução nossa). Tal categoria mostra-se apropriada ao analisarmos a sexualidade feminina trazida nos textos de Adrienne Rich, que apresenta a sexualidade feminina como força da escolha que é negada à mulher, enfatizando o poder da linguagem para a construção de um novo sujeito do feminismo. Para ela, é necessária uma mudança no conceito de identidade sexual. Uma mudança que caminhe com o objetivo de apagar todo e qualquer resquício de uma velha e ultrapassada política (RICH, 1975, p. 90).

Em “The meaning of our love for women is what we have constantly to expand”, a poeta assinala que

ultimamente tem se articulado um ataque à homossexualidade pela Igreja, mídia e todas as forças [...] que precisam de um bode expiatório para desviar a atenção do racismo, da pobreza, do desemprego e da corrupção obscena da vida pública. (RICH, 1979, p. 224, tradução nossa)

Sendo assim, é na busca de um espaço legítimo, que a poeta pretende dar visibilidade ao sujeito lésbico, por sua reconstrução histórica. As lésbicas por serem meros desejos masculinos, não alcançam o poder econômico e cultural dos primeiros.

Desta maneira, para concluir, se tomarmos as palavras de Lauretis, compreendemos que “mudar um regime de verdade não significa apenas mudar de lugar, mas inverter os paradigmas para melhor dissolvê-los” (1990, p.138). O ponto de vista excêntrico, assim, ocupa uma posição de resistência aos aparatos socioculturais da heteronormatividade. O que para Lauretis é um processo incomum de saber, prática linguística em um largo sentido (1990, p.139).

4. CONCLUSÕES

Pelas linhas de Rich, emerge um conceito de sexualidade feminina fluída. O amor e/ou somente a relação sexual entre indivíduos do mesmo sexo, que na história das sociedades ocidentais sofreu (e ainda sofre) com longos anos de silenciamento e julgamento de ser um comportamento doentio e imoral, ganham espaços nunca antes pensados. Desta forma, entendemos aqui que a discussão acerca da sexualidade e, também, do processo de construção da subjetividade feminina acabam por levar-nos a um novo entendimento de fenômenos da sociedade.

Acreditamos na importância do estudo do tema aqui tratado para o avanço de determinados pensamentos que assolam nossa sociedade atual. Precisamos falar sobre sexualidade, precisamos olhar para o assunto sem os pudores que nos impedem de quebrar preconceitos que parecem levar os sujeitos para um espaço marcadamente masculino. Os novos tempos pedem um olhar atento para as sexualidades ditas desviantes. Assim, deparamo-nos com sujeitos múltiplos, indivíduos que têm sua subjetividade construída através de suas diferentes experiências: “eus” que não se resumem a papéis pré-estabelecidos socialmente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**; tradução de Sérgio Milliet. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- DALLERY, Arleen B. **A política da escrita do corpo: écriture feminine**. In: JAGGAR, Alison.; BORDO, Susan R. Gênero, corpo, conhecimento. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, p. 62-78, 1998.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramalhete. 42 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- LAURETIS, Teresa de. **A tecnologia do gênero**. In: HOLLAND, B.H. Tendências e Impasses: o feminismo como a crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- RICH, Adrienne Cecile. **Adrienne Rich's poetry and prose: poems, prose reviews, and criticism**. Selected and Edited by Barbara Charlesworth Gelpi. New York: W. W. Norton & Company, 1993.
- LAURETIS, Teresa de. **Eccentric subjects: feminist theory and historical consciousness**, In: Feminist Studies, v. 16, n. 1, p.115-50, 1990.
- RICH, Adrienne Cecile. **Compulsory heterosexuality and lesbian existence**. Signs: Journal of Women in Culture and Society, University of Chicago, v. 5, n. 4, p. 631-660, 1980.
- RICH, Adrienne Cecile. **The meaning of our love from women is what we have constantly to expand**. In: On lies, secrets and silence. New York: W.W. Norton & Company, p. 220-251, 1979
- SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Tradução de Guacira Lopes Louro. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.